

EVANGELHO, EVANGELIZAÇÃO E LIBERDADE

Parte II

José Comblin

1. QUAL “OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES”?

Hoje em dia, a fórmula “opção preferencial pelos pobres” sofre dos defeitos de toda e qualquer linguagem ou discurso.

Todo mundo faz a opção preferencial pelos pobres e é muito provável que a fórmula tenha perdido muito do bom de seu conteúdo. Hoje em dia, até o Fundo Monetário Internacional coloca sempre como condição a opção preferencial pelos pobres. E se FHC agora pede auxílio ao FMI, com certeza, na resposta o FMI dirá que todo esse dinheiro deverá ser primeiramente destinado a melhorar as condições de vida dos pobres. Ou seja, esta fórmula já se tornou universalmente utilizada.

Para explicar tal fenômeno, precisamos abordar a problemática do uso da linguagem na cultura atual, na cultura dos Meios de Comunicação.

Os Meios de Comunicação fazem um consumo tremendo de idéias e de temas. Para tanto, precisam absorver tudo e recuperar tudo, porque o progresso da televisão precisa

de milhares e milhares de palavras, de temas, de idéias, que não podem se repetir nunca, todo dia precisam apresentar uma idéia nova. Por isso, tudo pode ser recuperado e reaproveitado.

A fórmula "opção preferencial pelos pobres" caiu no de sempre, no lugar comum. Uma fórmula de conveniência e isso pode levar à seguinte consequência: a realidade tende a ser aparência.

No entanto devemos lembrar que a frase em questão foi cunhada há trinta anos atrás e expressa mais claramente há vinte e um. E hoje, em que pé estão as coisas? Nos seus dois momentos fortes de formulação, as Conferências de Medellín e de Puebla, tratava-se de um desejo, uma aspiração e, até certo ponto, na mente de vários grupos, uma promessa ou um compromisso. Mas, depois de trinta anos de experiências, podemos fazer uma certa atualização, uma reflexão sobre o que aconteceu neste período.

Àquele compromisso de opção pelos pobres, que aconteceu a ele, na prática? Em termos teóricos, não há mais dúvidas e já se firmou: todas as teorias cristãs, hoje, católicas, protestantes ou ortodoxas, em todos os continentes, todas afirmam que a prioridade da evangelização são os pobres. Pode-se dizer que há uma unanimidade no mundo da ideologia, bem como no mundo do terreno e no mundo do sagrado. Em termos de reflexão teórica, não há mais dúvida a este respeito.

No entanto, na prática, que acontece? Vê-se que as instituições são muito pesadas e muito lentas na sua evolução. A Igreja Católica está saindo de mais de mil anos de compromisso com as classes dirigentes. Compromisso firme e constante desde Carlos Magno. O que foi instado por aquela época foi sendo constantemente renovado, constantemente reforçado.

2. "ROMA LOCUTA..."

Na história da América Latina, este compromisso com as classes dominantes foi levado ao ponto extremo de todos os bens da Igreja estarem entregues ao rei de Portugal e Espanha. E os próprios Papas abandonaram toda iniciativa de exercer seus cânones aqui. A Igreja não só estava aliada às forças ordenadoras da sociedade, mas também subordinada a elas e servir como um instrumento da colonização e da fundação de uma nova sociedade de dominação. É deste período que estamos saindo.

É verdade que houve separação entre Igreja e Estado com o advento da República, mas logo o episcopado se empenha em retomar sua herança junto às classes dirigentes. Esse acordo foi de uma dimensão e de uma inspiração muito bem montadas, perseguida com muita perseverança, com muita constância. Chegando 1960, quando aparecem as primeiras contestações, esses sistemas estão muito bem implantados.

A Universidade Católica de Campinas, sob a direção e a orientação do professor Salim, aliou-se às autoridades políticas do governo estadual que compartilhavam o mesmo ideal. O próprio professor Salim dizia que, para receber todos os subsídios e as ajudas, sacrificava 15% das finanças em gorjetas para os funcionários públicos. Todas as instituições, as autoridades federais e estaduais, se financiavam em até 30%. Não era demais. Hoje em dia é pior. Muitos funcionários públicos e ministros do governo exigem mais do que isto. Mas era muito para aquele tempo em que havia mais moderação.

Isso significou uma implicação dupla, uma aliança muito forte. Mas foi exatamente no momento da proclamação de temas totalmente opostos, como a prioridade da opção preferencial pelos pobres. Como mudar a orientação assumida? Pensar que é possível mudar isso numa conferência episcopal?

É claro que os dinamismos históricos são muito mais pesados, muito mais fortes.

Então, o que aconteceu no concreto, na prática? O que mudou? Quais foram os elementos, as classes da Igreja que mudaram seu rumo, suas atividades, sua implantação? E aí se vê que alguma coisa não deu certo.

Eu me lembro que Dom Paulo, Cardeal de São Paulo, certo dia, recebeu um grupo de jornalistas estrangeiros. Eles felicitavam o Cardeal pela diocese de São Paulo, pelos religiosos e religiosas que tinham feito a opção pelos pobres. O Cardeal respondeu: "Aqui em São Paulo, 20% das religiosas fez a opção pelos pobres e foram trabalhar em bairros populares; 80% permaneceu fiel à sua opção anterior pela classe média". E São Paulo passava a ser, no Brasil, a diocese mais transformada! Entre as religiosas, 20%. É até muito, porque em outros segmentos, não são tantos. E se fizéssemos a conta das paróquias que mudaram seu rumo, não chegaria a 20%. E se tomarmos o episcopado, quantos bispos fizeram a opção pelos pobres? Também não chegaríamos a 20%. O fato é que foi uma minoria que assumiu esta disposição.

Aliás, imediatamente, foram acusados, denunciados, perseguidos e mortos. Como um bispo da Guatemala, como Dom Oscar Romero e outros. Todos os bispos que tomaram este rumo foram reprimidos e condenados em Roma.

Um dia, Dom Fragozo dizia que, em seu relatório escreveu: "Na minha diocese, todos entraram numa pastoral popular, foram para o campo, para os bairros periféricos, salvo uma congregação, que manteve o colégio tradicional". Veio a resposta da Santa Sé: "Recebemos seu relatório e ficamos muito felizes. E, agora, o senhor queira apresentar os parabéns especiais a estas religiosas que permaneceram em seu colégio"...

Ora, a opção preferencial pelos pobres não chegou até Roma. Porque aí a prioridade é o relacionamento com os

Estados, com os governos; os pobres não são prioridade. Lá, a prioridade está nas alianças com os governos, qualquer que seja a sua política. Isso torna mais difícil as Igrejas particulares fazerem a opção pelos pobres, pois sentem que não é algo aceito na Igreja universal. Na última vez em que o Monsenhor Oscar Romero foi visitar o Papa, poucas semanas antes de sua morte, saiu da entrevista chorando, porque dizia que o Papa desaprovava sua atitude, desaprovava-o. Não houve tempo para refletir muito: poucas semanas depois, Dom Oscar foi morto.

Um exemplo da política de bom relacionamento com os Estados, mantida por Roma foi a visita do Papa ao Rio de Janeiro. Foi notado muito claramente que, em todos os seus discursos, o Papa evitou a palavra *esterilização*. E por que não falou de esterilização? Como todo mundo sabe, a política oficial é de esterilização. Quase metade das mulheres foram esterilizadas por uma política sistemática. Justamente por isso, o Papa não citou o problema. Só falou o que agradava. Ao governo é legítimo lesar. Se tivesse falado somente aos católicos, aí sim, começaria a bater muito forte. Mas, falando publicamente, em presença de convidados do governo, evitou tudo que poderia criar problema, tudo que poderia criar desagrado para os convidados públicos. É isto a opção pelos pobres? Não!

E a situação é ainda mais difícil para as Igrejas locais, pois há outros problemas intrínsecos. Como que uma Igreja, fundamentalmente de cultura de classe média, poderia fazer a opção pelos pobres? A Igreja Católica, até o fim do século passado, tinha duas alianças fundamentais. A primeira, com os grandes proprietários, e, depois, com os camponeses. Com a classe rural perdendo muito de seu terreno e prestígio, a Igreja se tornou urbanizada. Adaptou-se ao mundo da cidade. Mas, no mundo urbano, onde se implantou? Fundamentalmente, prioritariamente, no ambiente da classe média. E ficou completamente envolvida na cultura da classe média. Muitos jovens sacerdotes vêm da classe pobre, da classe de

camponeses ou de uma classe média muito baixa, da classe popular. Vai para o seminário, que é um caminho para envolvê-los na cultura da classe média. Depois de cinco anos, a teologia é esquecida e, por isso, pode seguir qualquer caminho; mas o que fica é a transformação cultural. Quando se passa de uma cultura muito mais simples, muito mais pobre, para uma cultura de classe média, isso é o que fica, é o resultado mais claro da formação dada no seminário. O resto puramente intelectual tende a desaparecer. Aprenderam a manipular todas as ferramentas que servem para a classe média atual, aprenderam o estilo e o modo de pensar típico da classe média, cheio de abstrações, de esquemas lógicos, de conceitos, e assim por diante; tudo o que podemos ver nas assembléias eclesiais, nos planejamentos e em toda literatura produzida pelas Cúrias e pelas comissões pastorais. Coisas típicas da classe média.

3. E, NO ENTANTO, EXISTE O POVO

A classe popular não vai se ocupar dessas coisas, que não correspondem a um modelo de classe popular. Mas isto é o que se aprende nos seminários.

Aliás, mesmo fisicamente, a Igreja Católica se situa na classe média. No Brasil, 44% dos habitantes são morenos e 56% são brancos. No entanto, na Igreja católica, a proporção é bem diferente. No episcopado, com cerca de 400 membros, contando os eméritos, seis ou sete se reconhecem negros ou morenos. Uma pequena proporção. Entre os 15.000 sacerdotes, 200 são negros. Pouco mais de 1%. Muito longe da proporção no Brasil.

E podemos visitar as congregações e institutos religiosos. Basta ver uma reunião, para ver uma reunião de pessoas brancas. Mas, observemos uma reunião de pastores

da Assembléia de Deus: são todos morenos. É outro mundo, porque essa outra igreja está implantada no meio popular. A Igreja Católica é fundamentalmente branca e de classe média. É uma situação que constitui um problema, pois, com esta condição, que pode significar fazer opção preferencial pelos pobres? Este é o desafio.

Um desafio que não podia ser examinado na assembléia de Medellín ou na assembléia de Puebla. Somente depois de 30 anos de experiência é que convém avaliar o que foi feito e quais são os desafios atuais.

4. ALGUMAS OBSERVAÇÕES PARA O TRABALHO NO MEIO POPULAR

4.1. Evangelizar os pobres?

Primeiro, devemos deixar a pretensão de “evangelizar” os pobres. Porque, de modo geral, são mais evangelizados do que nós, são mais evangélicos do que nós. Isso, de uma maneira muito mais vivencial. É evidente que não conhecem discursos, não conhecem as palavras, não saberiam fazer explicações. Mas, vivencialmente, nos seus comportamentos, na sua maneira de enxergar e de interpretar a vida, os acontecimentos, as desgraças, as doenças, as esperanças, as promessas, em tudo estão muito mais imbuídos de espírito evangélico.

Como conseguiram receber esta inspiração de fé?

Não puderam ler a Bíblia durante séculos, porque não sabiam ler e também não havia interesse em dar a Bíblia aos leigos. Mas ouviram falar, ouviram contar. Foram buscar na pregação os elementos que lhes serviam e recolheram, justamente, o que é, o que se faz, o que é o mais necessário

para a vida. E se criou uma religião popular, não feita de coisas esotéricas, mas de uma vivência interior, uma maneira de assumir e de interpretar a vida, a vida difícil, a vida de tantos sofrimentos, e também de esperanças sempre renovadas. Então, não somos nós que vamos evangelizar.

Mas isso provoca, na classe média, muita divisão. É claro, quem tem esta cultura de classe média e universitária pensa que tem a ciência, que descobriu a verdade, que sabe a realidade das coisas, pois toda ciência se apresenta como universal, válida para todos e ao alcance de todos. Basta explicar bem... E lá vamos nós explicar qual é o sentido do Evangelho. Mas os pobres não precisam de explicação. Quem vive não precisa de explicação. Isso foi muita pretensão e muita arrogância, pensar que nós vamos explicar o evangelho aos pobres. Ao invés de explicar o evangelho aos pobres, nós vamos aprender, aprender muito mais do que ensinar.

Isso não quer dizer que não podemos trazer elementos novos dos quais eles estão carecendo. Temos elementos novos, mas que somente podemos comunicar depois de realizar um entrosamento, uma convivência que crie uma confiança espontânea. Quando, no mundo popular, alguém que vem do mundo dos intelectuais se aproxima, primeiro há um clima de desconfiança. Por exemplo, quando, no meio popular, se anuncia que o deputado do PT virá, já se sabe que este homem vai manipular, vai nos envolver, vai nos levar a fazer coisas que não queremos. Que falaremos a este homem? De qualquer maneira, é um branco, é um senhor. De qualquer maneira, é um doutor. E um doutor merece respeito, consideração. Será tratado com todo respeito, mas não com confiança. Não se tem confiança num "doutor".

Assim, se o agente de pastoral parece um doutor, não haverá confiança.

Eu estava dando uma formação para líderes de comunidades em Juazeiro, na Bahia. E não sei porque, uma das

dirigentes me apresentou, disse o meu nome e falou que eu era teólogo. Uma senhora se levantou e disse: “Esse não é teólogo, não. É dos nossos!” Porque, se é teólogo, não pertence ao mundo popular. Na classe média é diferente: todo título universitário suscita reverência e confiança. No mundo popular é o contrário, suscita desconfiança.

Então, vamos supor o caso de um “doutor”. Precisa mostrar que não é, tem que dar as provas suficientes de que não é. Vai ter que chegar à convivência. Isto supõe tempo, paciência, presença física e participação física nos acontecimentos da vida. Não se poderá evangelizar por meio da Internet. A presença física é sempre primordial, fundamental. E a participação nos acontecimentos da vida. Para evangelizar, eu poderia dizer, que, fundamentalmente, isto basta. Se não se mostrar que é capaz de uma convivência participada, viva com os pobres, então, não precisa dizer da vida. Não precisa fazer discurso. O discurso seria vaidade. Porque fala esta vida, esta convivência.

Sabe-se muito bem que, para a classe média, não é fácil renunciar às muitas comodidades e às muitas coisas que agradam mais. Então, requer-se tempo. É precisar estar consciente disto: não precisa dizer nada, as coisas falam por si mesmas.

4.2. Ajuda, sim. Paternalismo, não.

Por outro lado, os pobres precisam de ajuda. Não têm capacidade de sair, por si mesmos, da situação de miséria, de abandono, de frustração em que se encontram. Isto, porque a pobreza em que estão, hoje em dia, é uma pobreza fabricada. E o resultado das estruturas sociais novas é uma nova pobreza. A pobreza tradicional, do sertão, é resultado das condições, do ambiente, do risco da seca, é a consequência de condições naturais.

Na cidade, porém, a pobreza não resulta das

condições naturais. É o resultado das estruturas sociais, quer dizer, é o resultado de decisões que se podem tomar, consciente ou inconscientemente; decisões que foram tomadas pelo conjunto das classes dominantes e pelas autoridades que o representam. É uma pobreza constantemente alimentada, renovada, fortalecida, justamente pelas leis estabelecidas, pelas relações sociais que existem, e assim por diante. Vê-se aí que o pobre não tem condições por si mesmo. Precisa de ajuda.

No entanto, ajudar é muito perigoso, porque é muito fácil cair no paternalismo. E, então, não acontece nada de novo. Quando aparece alguém que está relacionado com alguma instituição de desenvolvimento, com alguma instituição do governo ou com os setores que têm dinheiro, os pobres se precipitam com mentalidade de mendigo. Isso alimenta o espírito de mendicidade e de pura dependência. É uma tentação constante e alguns vão cedendo. Os primeiros que vão cedendo são as crianças. Quando se oferecem roupas, é muito difícil para a criança não aceitar, porque não tem o sentimento de dignidade suficientemente elaborado. Os adultos vão sentir isso como humilhação, mas as crianças não. É assim que penetra a mentalidade de dependência e de mendicidade. O que não resolve nada. Pelo contrário, degrada a mentalidade e o espírito dos pobres. Então, é preciso ser perdoado de qualquer ajuda. A ajuda do mundo da ciência é bom que não apareça muito, mas, se houver, sempre com reciprocidade, na fase de desenvolvimento.

Até agora foram feitas muitas críticas a todos os sistemas de desenvolvimento. Tudo era unilateral. As pessoas que tinham, as pessoas que sabiam, vinham dar sua ciência, sua tecnologia, seus recursos financeiros. Bom, unilateral, sem despertar e sem dar oportunidade aos próprios pobres de eles também poderem dar sua própria contribuição e se tornarem sujeitos. É grande a dificuldade em intervir na vida do mundo popular.

No mundo de hoje, o desemprego é tão grande que

até em São Paulo chegou, até em Campinas, até aí entrou o desemprego, para não falar no Nordeste, que tem um desemprego de 60, 70% da população. Quando alguém surge como um doador de empregos, todo mundo aparece. Se a Igreja dá emprego, o que acontece: contamina e degrada, porque esse pessoal que vem para pedir emprego não vem para trabalhar, vem para ter emprego; e emprego, justamente, para não trabalhar. Para isto serve o emprego.

Freqüentemente, os eclesiásticos são muito ingênuos, não vêem o que está acontecendo, não vêem que estão sendo explorados, e explorados pelos elementos menos interessados da sociedade. Por aqueles que tem espírito de mendicidade.

Entre as centenas e centenas de projetos de desenvolvimento que conheci, nunca encontrei um só que tivesse realmente a amizade dos pobres. Tudo pensado numa mentalidade muito mais poderosa, mais rica que, sob o pretexto que ensinar o modo de empregar, o modo de usar, quer submeter os pobres à orientação, à aprendizagem, a uma direção da classe superior. Penso que isto não tende a ajudar o pobre, e sim prolongar sua miséria.

Imagino que todos tenham ouvido ou tido acesso à famosa carta que Fernando Cardenal publicou em várias revistas, de apoio à liberdade. Fernando Cardenal foi ministro da educação do governo sandinista na Nicarágua. Jesuíta, foi expulso da Companhia por ordem expressa e pressão muito forte. Recentemene, foi reintegrado, reabilitado na Companhia. Por sinal, nunca tinha saído da casa dos jesuitas. Não era como jesuíta, era como hospede. Nunca saiu da residência. Pois bem, Fernando Cardenal depois de tudo o que tinha acontecido, perguntou a si mesmo: "Porque tudo o que nós fizemos na Nicarágua, porque a reforma agrária foi um fracasso? Porque todas as formações na educação, porque tudo isto foi um fracasso? Não conseguiu convencer as massas populares. Nunca os camponeses receberam tantos privilégios. No entanto entraram contra e deram apoio ao "prós". Foi o que aconteceu.

Nós demos aos camponeses a terra, ajuda técnica, capitais, materiais, tratores, insumos, enfim, tudo. E não deu certo..." E porquê não deu certo? Porque faltaram as disposições humanas que correspondessem a todo este apoio. Para poder usar todo este material, é preciso ter incentivo de responsabilidade, que um camponês tradicional não tem. É preciso passar por uma reeducação de mentalidade, reeducação de vida. Mas tudo tinha que ser rápido e não se transforma a mentalidade, sobretudo de camponeses, em apenas alguns anos.

Sem uma mentalização nada funciona. Coisas exteriores, coisas materiais, sem uma educação adequada, não funcionam. Mas não tiveram a paciência de dar esta educação.

Uma boa proposta é, por exemplo, estabelecer-se em uma pequena comunidade de pescadores e conviver com eles, a fim de fazer uma educação para as necessidades da sociedade que eles devem enfrentar. Uma situação muito comum em qualquer associação popular, cooperativa, assentamento: o tesoureiro rouba o dinheiro. Eu não vi, até agora, nenhuma associação popular em que o tesoureiro não tenha roubado dinheiro. E para ele, o dinheiro não é roubado. "O dinheiro está aí, e minha sogra precisa ser operada... Depois eu vou reembolsar". Só que este depois nunca chega. Assim acontece, porque não foram educados para o sentido do bem comum, do bem de todos, que é intocável porque é de todos. Somente poderia ser usado se todos concordassem. Isso se torna uma educação.

Somente alguém que é de classe média, da cultura, pode inculcar isso nos pobres, mas não vai inculcar isto numa aula, numa conferência. Tem que ser aceito, tem que criar um ambiente de confiança, em que eles possam adquirir e assumir estas coisas, em que possam compreender que o que se quer é o bem deles, o progresso deles. E para fazer entender o porque das coisas, é preciso uma lenta educação.

As formas de educação popular são precipitadas. Todos pensam que deva ser assim. Quando se falava em conscientização, pensava-se que em três meses se poderia conscientizar um operário. Não três meses, e sim trinta anos. Três meses não mudam ninguém. Quem procura inculcar nos pobres a consciência, deve ter paciência. As pessoas repetem algumas palavras e a maioria dos agentes pode pensar que aprenderam, que entenderam algumas coisas e agora podem entrarnos quadros da modernidade. Mas entender, compreender, assimilar, tudo isso se torna uma tarefa longa, paciente, imensa de alguém que decide passar anos e anos numa convivência com o mundo pobre, para ajudar numa reeducação. Há coisas que os pobres nunca fizeram, não têm experiência de vida em associação, não têm experiência de buscar juntos alguns objetivos novos. Por isso, vão devagar por meio de experiências progressivas, utópicas, sucessivas, e a partir de pessoas que estejam completamente inseridas no meio deles. Não a partir de funcionários públicos ou de funcionários da Igreja. Essa é uma observação importante, porque muitas políticas de desenvolvimento ou de revolução fracassaram por impaciência e porque as pessoas de classe média são impacientes e querem resolver tudo em pouco tempo. Nas empresas, tudo tem de ser rápido: ao se produzir um carro novo, um novo modelo, tudo tem que ser feito o mais rápido possível, pois o mercado exige. Só que toda ação no meio de pessoas humanas é uma lenta, cansativa, repetitiva e que supõe muita paciência. E as pessoas da classe média, inclusive os que são da Igreja, não tem paciência. Aliás, não é a formação do seminário que inculca a virtude da paciência: esta se aprende na prática, exercendo a paciência na prática.

Também a evangelização dos pobres vai exigir uma longa e imensa paciência.

4.3. “Sede lentos para falar, rápidos para ouvir”

Os partidos políticos, as organizações e os movimentos pensam: “A libertação dos pobres vai ser como nós definirmos”. Estes grupos pensam que os pobres não sabem nada, não sabem escolher as metas e não sabem escolher nem dar sua opinião sobre os métodos e as práticas. E, por isso, nada tem resultado, nada funciona, uma vez que tudo chega pronto e definido, sem ser assumido verdadeiramente pelos pobres.

Eu me lembro do dia em que entre nós, ali na Paraíba, chegou um sacerdote francês para tomar conta de uma paróquia no sertão. Uma paróquia muito pobre, muito miserável, muito abandonada. Cheio de ardor chegou e imaginou um plano de desenvolvimento. A primeira coisa era alfabetizar: escolas para as crianças. Achava que tinha que começar por aí: escola para crianças. Na sua pregação, começou a ensinar, a inculcar: “Queridos paroquianos, irmãos e irmãs, vocês não sentem que aqui temos necessidade de escolas, que as crianças não podem ficar analfabetas, sem saber nada?” Ele usou de todos os argumentos de que poderia dispor. Supondo que ninguém sabia nada. E ninguém reagiu. Todos concordaram. Mas ninguém se comoveu e não aconteceu nada. E depois começou a fazer a pregação sobre as construções, sobre o posto de saúde. Mas ninguém se comoveu com o posto de saúde, ninguém se interessou. E aí um velho se aproximou do padre e disse: “Olha, seu padre, desse jeito o senhor não vai conseguir nada. Precisa perguntar para eles. Sabe o que eles querem? Todo mundo aqui quer e deseja é um cemitério, seu padre. Todos vivem angustiados e, depois da morte, são enterrados ao longo da rua, da estrada e a onça pode vir durante a noite e desenterrar. Estão todos angustiados por esta questão”. O padre, no domingo seguinte fez uma grande pregação sobre o cemitério e a necessidade, e, todo mundo se levantou, aplaudiu e aclamou: “Amanhã mesmo vamos começar a fazer o cemitério”. Partindo deste exemplo, depois do cemitério, outros interesses que vão

aparecer. Mas não adianta partir de coisas que não interessam. Coisas que não interessam não estão nas preocupações, porque não mobilizam as energias, e não se faz nada. Tem de partir daquilo que eles entendem como sua libertação. Se a primeira libertação é o cemitério, então, vamos fazer o cemitério. Será que sentem tanto a necessidade de escola? Por que primeiro o cemitério? A escola ensina, mas muita gente está convencida de que isto não muda nada. Quem tem um diploma de primeiro grau está desempregado como qualquer outro. Não convence suficientemente. Em todo caso não somos gente da classe média que devemos fazer a proclamação da libertação.

Há 25 anos atrás, movimentos de esquerda procuraram integrar as massas populares na busca de uma revolução social. Mas isto não interessou a ninguém. E por quê? Porque cinquenta milhões de brasileiros estavam saindo do campo para a cidade e o problema deles era chegar na cidade e ter um terreno para construir uma casinha. Construir uma casinha, porque, em São Paulo, 90% das casas são construídas pelos próprios moradores, sem a ajuda de ninguém, sem nada. Isso exige energia e gastos que ocupam uma pessoa completamente durante cinco, seis anos. Isso é o mais urgente. "A revolução depois; agora, a minha casinha. E também procurar um emprego, outra coisa mais urgente que a revolução. E depois um ônibus para sair desse bairro perdido e chegar à cidade". Assim, há uma série de prioridades. Quanto as mudanças na sociedade, vamos pensar nisto depois, mas primeiro o mais urgente. E por isso não tinham disponibilidade mental, psíquica, para pensar em coisas da gente da classe média, que tem outra visão das coisas, porque já tem casa, já tem formação intelectual, já tem ônibus e muitos deles até seu carro pessoal. Por isso, podem pensar em outras questões. Mas, com os pobres, é preciso partir das prioridades, isto é, o que eles sentem como a etapa atual no seu movimento de libertação.

Talvez seja a questão da saúde. Um dos grandes

trunfos de muitas igrejas pentecostais, inclusive a Igreja Universal do Reino de Deus, é a saúde. Oferecem uma resposta ao problema de saúde, porque a saúde pública não resolve e deixa muita coisa sem solução e as pessoas sem orientação. E aí vem a igreja e seu pastor, ali o espírito é muito forte e a questão da saúde é prioritária. Além disso é tradicional. Já há trinta anos atrás, foi feito um inquérito, aqui mesmo em São Paulo, sobre qual é o objeto das orações do povo. Quando o povo reza, reza o quê e para quê? E 90% das orações eram para pedir saúde. A questão da saúde envolve todo mundo. A saúde pessoal, de minha mãe, de meu pai, de meus avós, das crianças, de toda a família. Quando um membro da família está doente, todo mundo se põe a rezar. Ou então vão procurar os espíritas, que fazem operação gratuita, ou vão consultar um pai ou uma mãe de santo, que tem muitas receitas.

Só a Igreja Católica não tenta explorar essas fronteiras. É verdade que, agora, as paróquias têm a pastoral dos doentes. Mas esses leigos que fazem a pastoral dos doentes deveriam ser melhor acompanhados. Do contrário, é um desastre: os leigos não sabem dizer, não sabem acompanhar, não sabem tratar.

“Ah! vão visitar seu Zé que está doente!”

“Oh! Seu Zé, o senhor está melhor, está melhor não é?”

“Não, eu estou muito mal.”

“Não! Diga comigo: eu estou melhor”.

E o homem é obrigado a dizer que está melhor. Isto reflete um problema de insegurança do visitante. O visitante gosta de saber que melhorou, porque assim não precisa fazer mais nada. Ele vai com seu problema pessoal, problema de insegurança pessoal, e vai descarregar isso sobre o doente. Eu aconselho acompanhar essas pessoas e dar-lhes uma formação adequada, que é um bem necessário. E isso os protestantes sabem fazer muito melhor do que nós.

Depois os vícios. Trata-se de um problema cada vez maior. A bebida, o alcoolismo, as drogas. Quando um membro da família cai no vício, toda família sofre. E quem é capaz de tirar o bêbado da bebida? Os pentecostais. E a Igreja Católica não tem força para isto. Para inumeráveis pessoas o problema imediato é o seu alcoolismo, é sair da bebida. Porque com isso toda vida muda. Um operário, vamos supor, um servente de pedreiro, aquele que construiu minha casinha, ganha R\$ 50,00, dá R\$ 15,00 para a mulher para o gasto da semana, e R\$ 35,00 é para seus gastos pessoais, que dizer para a cerveja, para a praça, para o fumo e para as pinguinhas com os amigos. R\$ 35,00 para os seus vícios, R\$ 15,00 para os gastos da família. O resultado é esta miséria em que está. Se ele se converte à Assembléia de Deus, os R\$ 50,00 vão para a família. Só que ele vai dar R\$5,00 para o pastor. Mas são só R\$ 5,00. Não é nada em comparação aos R\$ 35,00 que antes perdia nos. A vida da família muda imediatamente. Para muitos, a prioridade ainda é lutar contra o vício. E isso por si só é difícil, é difícil persistir na luta. E tudo indica que isto tudo vai aumentar.

Outra coisa é a necessidade de relações humanas. Relações de verdade. Os que saem do campo ficam atônitos com o que encontram quando chegam na cidade. Então, a violência cresce. No bairro onde estou, cada semana tem um assassinato. Aí entra o problema da bebida e a qualquer insulto puxam a faca. E também problema de mulher: porque é suspeita, já mata.

Não há relações humanas. Não se sentem aceitos, integrados mesmo no grupo. Não vivem no grupo relações humanas, a não ser aquelas quadrilhas de viciados. Mas relações humanizantes, isso não. O que se pode fazer? É preciso suscitar um entrosamento no qual possam desenvolver a afetividade, a necessidade de sentimentos, a necessidade de carinho e de amor.

4.4. Toda solução pronta é estéril

Em tudo isso, o importante é conseguir levar as pessoas a fazer por si mesmos, e não fazer por elas. Todo tipo de organização supõe estímulo, atenção, atendimento e acompanhamento constante, mas o importante é que façam por si mesmos. Os métodos realmente educativos são os métodos em que a pessoa aprende por si mesma.

Quem é responsável por seminário que aprenda. A mesma coisa nas universidades. As aulas são todas perda de tempo. São coisas de outros séculos. Como se aprende? Fazendo, acompanhando o fazer. Pois o que a pessoa não fez não aprendeu. É por isso que, saindo do seminário, os meninos estão desamparados. Não sabem de nada. Não aprenderam a fazer nada. Puras teorias, puras idéias. Então, onde aprender, como aprender? Da mesma forma que o povo pobre: fazendo.

Eu diria que a paz e a vida religiosa são a mesma coisa.

Nossa vocação surge a partir de um agir próprio e particular. Depois, somos colocados numa congregação, num instituto, numa ordem religiosa e aí há todo um sistema já feito, já construído. Antigamente era assim e funcionava muito bem. Mas hoje em dia, não é mais possível graças ao nível de desenvolvimento da personalidade a que chegamos. Tudo tem que começar desde o início, desde a base, como fizeram os fundadores, quando não existia nada de institucionalização. E deixar a todos o desafio e o orgulho.

A Madre Chantaul, que era a priora beneditina de Curitiba, ia fundar um mosteiro na Amazônia. Disse: "Vou mandar muitas jovens, porque assim terão a oportunidade de fundar uma coisa nova. Se eu mandar uma pessoa de experiência, vai estragar tudo. Não lhes dará a possibilidade de serem criativas, de criar, de inventar, porque irá com um esquema pronto previamente".

Ela agiu com muita sabedoria. Aliás, ela é uma mulher com um grande coração e uma grande inteligência. A vida religiosa deve ser reinventada por jovens, livres de todas as superestruturas insustentáveis. Antês, eu pensava que isto era um problema só nordestino. Eu via que algumas jovens religiosas, que entravam numa ordem, numa congregação, simplesmente não agüentavam. De cada cinqüenta, uma perseverava até o final da vida. Eu pensava que isto fosse só no Nordeste. Mas não é. Abrange todas as novas gerações da sociedade, porque as novas gerações têm personalidade muito mais desenvolvida do que as gerações anteriores, então não se enquadram.

Para os pobres, é pior ainda. Quando se lhes impõem estruturas de classe média não funciona. Um exemplo: os pobres não têm nehuma condição de entrar numa vida paroquial. Não é possível nem com as CEB's. As CEB's não reúnem a classe mais pobre, os "lascados"? Mas a vida paroquial tem muitos elementos de classe média. Por exemplo, o horário fixo. Depois, ter que ler coisas escritas. Ora, o povo não sabe ler e se comunica pela palavra. Toda orientação feita à base de escrita não serve para os mais pobres. Tem de ser tudo oral e com o uso do relógio muito limitado, pois eles não se orientam muito pelo relógio. Isto é motivo de impaciência das classes médias, para as quais tudo é feito com pontualidade.

4.5. Igreja do Espírito Santo X Igreja Burocrata

Para entrar no mundo dos pobres, só com a inspiração do Espírito Santo. Os planejamentos não servem para nada. Tudo muito bonito, mas dão satisfação só aos instintos burocráticos do clero e da classe média. Em 50 anos, o clero se burocratizou tremendamente. Na Europa, o clero só faz trabalho burocrático, já não tem mais nenhum trabalho apostólico, missionário. Só aprendem a fazer reuniões, relatórios e planejamentos sem fim. Todos os dias tem uma, duas, três

reuniões, com todo tipo de comissões, cuja eficiência é nula. A burocracia aumenta. Duplicou o número de funcionários no Vaticano com o Papa atual. Vemos que, em todas as instâncias, aumenta cada vez mais a burocracia. E os computadores fazem a felicidade e alegria dos burocratas, porque podem multiplicar muito mais os papéis. Ninguém vai ler nada, mas eles têm a impressão de ter feito alguma coisa...

Quando se faz uma avaliação séria dos planejamentos, qual é o resultado? No mundo dos pobres, tudo depende da inspiração do Espírito Santo, porque não adianta planejar, pois não tem ninguém para aplicar o calendário. Em geral, faz-se o planejamento sem perguntar quem vai fazer isto, quem vai aplicar. O maior problema é saber quais são as pessoas que vão ao encontro do mundo dos pobres, para ajudar, apoiar, e não para dar orientação. Como alguém vai dar orientação se não está inserido no assunto, se não sabe nada. Se houvesse mais liberdade, haveria mais iniciativa. E se as inspirações do Espírito Santo fossem mais acolhidas, produzir-se-ia mais do que tantas comissões e tantos planejamentos.

A Igreja não é uma empresa, não é uma indústria em que tudo pode e deve ser planejado. Nem tudo depende do trabalho voluntário, das inspirações e da boa vontade das pessoas. É o Espírito de Deus quem vai sugerir e despertar. Acontece que, hoje em dia, os agentes de pastoral são todos pelagianos. Pensam que são os seres humanos que podem criar a graça de Deus, que podem construir a Igreja, que podem levar à frente o Reino de Deus pela sua atividade. São pelagianos inconscientes. Afirmam que acreditam no Espírito, mas não acreditam, porque, se acreditassem, não fariam todos estes planejamentos e deixariam que o Espírito conduzisse as coisas. Mas não! Antecipam-se para que o Espírito Santo não tenha nenhuma oportunidade para criar. E depois invocam este Espírito, para que dê apoio àquilo que eles mesmos inventaram. Isto é subordinar Deus à iniciativa humana.

Hoje, como são as coisas... Uma grande ilusão é

achar que os agentes de pastoral e, sobretudo, o clero sejam capazes de orientar a evangelização. E mais, achar que a hierarquia vá orientar a evangelização. Pura loucura! De onde viria a consciência, visto que ela só pode ser adquirida pela experiência produzida pelo Espírito? Pelo fato de estar numa posição tão burocrática, a hierarquia se torna incapaz de orientar a evangelização, bem como de aceitar e de apoiar a evangelização que as pessoas estão fazendo.

Ora, há muitas iniciativas que estão nascendo hoje em dia. Há pessoas que se lançam com sacrifício, e haveria outras mais se tivessem maior apoio.

O clero vai procurar unir, manter a unidade, e impor a todos um quadro preestabelecido. Mas o quadro muda de acordo com as inspirações que aparecerem. Isto é, as estruturas deveriam ser reformadas, readaptadas completamente, a partir das realizações e das inspirações que aparecem. É um papel muito mais modesto.

No entanto, sabemos que, na lista dos carismas de São Paulo, primeiro vem o carisma missionário, depois o profético, depois o do doutor, e só depois o de dirigente. O padre, o bispo, vem em quarto lugar. Porque o seu carisma não é tão importante como os outros. Quem tem o carisma de missionário, quem está no mundo, quem dá testemunho do evangelho, esse é o mais importante. Este é que deve ser preservado, exortado e promovido de todas as maneiras. O resto deve se adaptar àqueles que de fato, no mundo, estão dando este testemunho. Após o missionário, vem o profeta, aquele que reforma a Igreja, porque esta precisa de reforma constante, permanente. Profetas são as pessoas que têm esta sensibilidade e têm um discurso que reforma, que transforma. Depois dos profetas, vêm os doutores, aqueles que penetram, com a ajuda de sua cultura, na mensagem do evangelho. Só por último vêm os dirigentes. Mas, dirigir é só colocar ordem no meio de todas estas coisas, e não estabelecer um esquema prévio. Portanto, transformar as estruturas da Igreja, de tal modo que correspondam ao estilo de

Paulo e à orientação do Espírito Santo, isto é matéria para o terceiro milênio inteiro. Mas, em todo caso, a orientação está muito clara e só depende de conversão.

Então, as pessoas de classe média sentem o chamado de se colocar a serviço dos pobres. No entanto, no meio popular, a cultura burguesa não serve, porque a vida é completamente diferente de tudo aquilo que se planeja, se prepara e se desenvolve no mundo da tecnologia, no mundo das ciências. Trata-se da personalidade e da vida pessoal dos excluídos, dos rejeitados, dos marginalizados, daqueles que, de alguma forma, estão sendo completamente destruídos. Não há os métodos de pensamento de uma civilização científico-tecnológica, que não servem absolutamente. É completamente diferente de qualquer educação da pessoa humana são os esquema teóricos que se aplicam à indústria, ao comércio e à vida política.

Na Igreja, tais esquemas se aplicariam melhor à pastoral no meio da classe média, porque aí é possível ter acesso estas informações. Mas, no meio dos pobres, tudo é diferente. As dinâmicas são outras. Então, é preciso deixar de lado tudo isto.

Depois do seminário, depois de dez anos de estudo da teologia, fui para uma paróquia. Após uma semana, constatei que tudo o que eu havia estudado não servia para nada. Tive que recomeçar, tive que aprender. Ninguém se interessava por aquelas coisas. Só o pequeno mundo eclesiástico se interessa. Aí estão todas as respostas, a partir de perguntas que só interessam ao mundo eclesiástico. Aí estão todas as boas respostas a perguntas que ninguém faz. E as perguntas que realmente existem, os desafios que realmente existem, isto não cabe no esquema, na programação *da Ratio Studiorum*, que é feita a partir do concílio de Trento. É claro que, como isto não vai interessar às pessoas normais e ao mundo dos pobres, as perguntas que realmente interessam não foram preparadas. Aliás, só podem ser preparadas a partir de experiências

personalizadas, acompanhadas e refletidas.

5. SÓ VAI PARA FRENTE QUEM OLHA PARA TRÁS

Eis, portanto, algumas observações a propósito dessas prioridades que são prioridade só de alguns. Antes de chegar aqui, estive no Equador, em Rio Bamba, onde se celebrava o décimo aniversário da morte de Dom Leônidas Proeme, a quem conheci muito ultimamente. Por mais de vinte anos, trabalhou em Rio Bamba e foi o bispo dos índios. Dedicado inteiramente à libertação dos índios, que constituem 70% da população da diocese de Rio Bamba. São menosprezados, os mais oprimidos entre todos os oprimidos, mas que agora já aprenderam. Fiquei surpreendido com estes novos dirigentes, como são capazes de se expressar. Cinco foram reeleitos deputados. E é só o começo. Dom Leônidas, em muitos momentos de sua vida, foi o único bispo do país com esta posição, entrando em choque com todo o resto do episcopado. Foi vigiado. De Roma mandaram um visitador apostólico. Um dia, o visitador foi recebido no aeroporto pela polícia nacional e foi levado por ela até Rio Bamba, porque o governo tinha advertido que nesta diocese o bispo era perigoso. Para visitas aos perigosos, não convinha que os visitantes viessem desarmados. Quando o visitador chegou à diocese, o vigário geral disse: "Aqui, o senhor é muito bem vindo, mas tem que dispensar todos estes homens armados. Não precisa disto para fazer visita apostólica". O visitador disse depois que conversou com duas mil pessoas, e somente dezoito falaram mal do bispo. De certo, alguns latifundiários, os grandes proprietários. Somente dezoito entre dois mil! Todos os outros aprovaram o bispo que, nas esferas superiores, era considerado altamente subversivo e perigoso. O visitador escreveu um relatório muito favorável. Nunca veio uma resposta romana. O

contrário aconteceria se o relatório tivesse sido desfavorável. Como foi favorável, nenhuma resposta. É uma maneira de desaprovar.

Aqueles que fazem a opção preferencial pelos pobres devem esperar que aconteça algo assim. Não podem esperar ter a aprovação oficial. Isso não vai acontecer. Antes, vai entrar em conflito e em choque com todo o esquema estabelecido, e isto durante muito tempo. Tão depressa, não vai mudar.

Sabemos que houve um começo, que alguns abriram o caminho dessa forma. Eram uma minoria. A questão é que, hoje, todo mundo diz que faz opção pelos pobres, mas... de que jeito? Fazem opção pelos pobres e depois continua tudo igual? Esta opção, qual é a conseqüência? Só é válida se pudermos observar mudanças no comportamento e se começarem a aparecer perseguições. Se não há perseguições, provavelmente, não houve mudanças. Como dizia Dom Hélder: "Se for para dar aos pobres alimentos, roupas e casas, todo mundo dirá que o bispo é santo e totalmente dedicado aos pobres. No entanto, se eu for dizer que os pobres têm direito e que sua condição é conseqüência das injustiças estabelecidas, então dirão eles que eu sou um comunista, um subversivo que promove a desordem social". Bom, é o que vai acontecer. Compromisso real com os pobres... só será com perseguição.

Será que nos seminários os candidatos ao sacerdócio se preparam para serem perseguidos, para agüentar, para suportar? É uma boa pergunta para a formação. Porque é ingênuo pensar que podemos nos dispensar disso. As estruturas de injustiças são muito fortes e a vontade de manter o *status quo* é muito forte. Qualquer pessoa que queira mudar, transformar, vai apanhar inevitavelmente. Então tem que se preparar.

Fazer opção preferencial pelos pobres é entrar no caminho de Jesus, é entrar no caminho da paixão, é entrar no caminho da cruz. Mas, nem sempre a Igreja gosta muito deste caminho. Ter um crucifixo dourado na igreja, isto sim, e bem

artístico! Mas seguir a via sacra na vida, isso é outra coisa. Celebrar, fazer uma bonita festa de Sexta-feira Santa, uma bonita procissão, isto sim. Mas estabelecer a Sexta-feira Santa na sua vida, isso é outra coisa. No^o entanto, é inevitável que assim aconteça. Como mostraram os fatos dos últimos trinta anos, e vai continuar sendo assim, o continente não mudou, a sociedade não mudou. E apesar do que diz o FMI, a opção preferencial pelos pobres não é das classes governantes. Antes, será sempre um desafio, um ponto de vista antagônico e uma ocasião de conflitos inevitáveis.

Padre José Comblin é Doutor em Teologia pela Universidade de Louvain, Bélgica e sacerdote na Arquidiocese de João Pessoa, Paraíba. Autor de numerosas obras teológicas e pastorais. Transcreveu o texto Carlos Alberto Rodrigues Jorge do 2º ano de Teologia do ITCR da PUC-Campinas.

